

Arquivo pessoal

Júlia Moraes, 23 anos**Aprovada em medicina na UnB, em 2023.**

Ex-aluna do Centro de Ensino Médio Elefante Branco (CEMEB), em Brasília, Júlia foi aprovada em três universidades federais: Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal do Tocantins (UFT) e Universidade de Brasília (UnB), onde estuda atualmente.

A decisão pela Medicina se consolidou aos 15 anos, após uma conversa marcante com um médico que a fez enxergar a profissão como propósito de vida. “Eu nunca enxerguei a medicina como o curso mais concorrido, mas como o curso que fazia sentido para o meu propósito”, conta.

Após o Ensino Médio, não foi aprovada de imediato e dedicou dois anos à preparação. Durante esse período, trabalhou como jovem aprendiz na Rede SARAÍ de Hospitais de Reabilitação, conciliando trabalho e estudos. A maior dificuldade foi administrar o tempo e evitar comparações com colegas que tinham dedicação exclusiva e acesso a cursinhos integrais.

Júlia organizou a própria rotina de estudos, utilizando provas antigas, videoaulas e materiais gratuitos. No segundo ano, adotou uma postura mais estratégica, priorizando resolução de questões e simulados, além de cuidar da saúde mental e manter atividades físicas. Para ela, a constância e o equilíbrio emocional foram diferenciais importantes na aprovação.

Sobre a escola pública, reconhece as limitações estruturais e a falta de preparação direcionada ao vestibular, mas destaca a importância das políticas de reserva de vagas como fundamentais para garantir maior equidade no acesso às universidades federais.

**Enzo Kauan Rodrigues, 22 anos****Aprovado em medicina na UnB, em 2024**

Ex-aluno do CED 11 de Ceilândia, Enzo optou por medicina ainda aos 11 anos, influenciado pelos pais e pelo irmão. “Eu via o estudo como a maneira de mudar a minha realidade.”

Ele enfrentou falta de professores e pouca preparação específica para vestibulares na escola. “Minha escola não contribuiu diretamente para minha aprovação; dependi muito de cursinhos on-line e presencial.” Após não passar pelo Programa de Avaliação Seriada (PAS), fez um ano de cursinho. A rotina era intensa, saía de casa às 5h50, estudava até a noite e usava bibliotecas para reforçar o conteúdo.

“Não pensei em desistir, mas cada reprovação traz desânimo.” O apoio familiar permitiu dedicação exclusiva aos estudos.

**Marcelo Henrique de Sousa Rodrigues, 18 anos****Aprovado em geofísica na Universidade de São Paulo (USP), em ciência da computação na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e em engenharia mecatrônica na Universidade de Brasília (UnB).**

Ex-aluno do CEM 03, Marcelo decidiu o curso no primeiro ano do ensino médio, após pesquisas. “O que pesou foi o interesse e a afinidade, além da noção de que eu também consigo disputar aquela vaga e passar.”

Ele manteve rotina sólida de estudos, com revisões noturnas e resolução de provas antigas. Aponta como dificuldade a troca frequente de professores de física. “Nunca cheguei a pensar em desistir.” Marcelo reconhece que não precisou trabalhar e considera isso um privilégio. Destaca o apoio do Nave na inscrição, simulados e revisões.



Arquivo pessoal

**Helena Padovani, 22 anos****Aprovada em medicina na Universidade Federal de Jataí (UFJ), em 2025.**

Ex-aluna do Centro de Ensino em Período Integral Oséas Borges Guimarães (CEPI - OBG), em Goiânia (GO), Helena estudou toda a vida em escola pública. O sonho da Medicina surgiu ainda no 5º ano do Ensino Fundamental. “Eu basicamente só não me via fazendo nada além do que estou fazendo agora.”

Ao longo da preparação, enfrentou como maior desafio a defasagem do ensino público. Mesmo estudando em casa e buscando videoaulas, sentia que precisava construir uma base que muitos colegas já tinham consolidada.

Após concluir o Ensino Médio, fez três anos de cursinho. No primeiro ano, percebeu que precisava praticamente refazer o conteúdo do ensino médio, especialmente nas disciplinas de exatas.

Helena quase desistiu após o terceiro ano de cursinho, quando ficou por décimos da chamada regular. O incentivo da mãe foi decisivo para continuar. Durante a preparação, dedicou-se exclusivamente aos estudos, conciliando a rotina intensa de aulas e simulados com as tarefas domésticas.

“Enquanto muitos estavam aprimorando o conhecimento, eu tive que construí-lo do zero.”

Leonardo Alves da Silva Porto, 22 anos**Aprovado em astronomia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2022**

Ex-aluno do CEMTN/CED 104 do Recanto das Emas, Leonardo optou por prestar astronomia no último ano do ensino médio. “Sempre tive interesse em pesquisa e queria um curso de exatas que me proporcionasse isso.”

Durante a pandemia, estudou sozinho, com cursinhos on-line. A maior dificuldade foi decidir mudar de estado e enfrentar o início de uma carreira considerada elitizada. “Pensei em migrar de área, especialmente por estar longe da família”, lembra.

Ele não trabalhou formalmente, mas contou com bolsas de iniciação científica e venda de doces para complementar a renda. Reconhece o papel da escola pública no incentivo ao Programa de Avaliação Seriada (PAS) e na familiaridade com o formato das provas. “Os professores mostravam que era uma realidade acessível”, disse.

